

Da arte de enxugar geleiras

Marcelo Leite

Folha de S. Paulo, 27.11.2010

Reunião do clima em Cancún perpetua velhos impasses

RESUMO: Já percebido por comunidades tradicionais, aquecimento global é tema de conferência no México e de bate-boca entre céticos e convertidos, calcado em mitos sobre relações entre natureza e cultura. Livros discutem a mudança climática, debates em torno dela e esforços diversionistas de pesquisadores para reiterar as dúvidas.

O CLIMA É POP. Milhares de jornalistas, militantes, empresários e diplomatas chegam amanhã a Cancún, México, para mais um fracasso nas negociações sobre cortes nas emissões de gases do efeito estufa. Das plantações de dendê para biodiesel na Malásia à floresta ianomâmi, de Wall Street ao altiplano andino, não se discute outra coisa.

Falem mal, mas falem do clima.

O peruano Julio Hanco, 58, não precisa de estímulo para queixar-se do aquecimento global. Estrela da feira culinária Mistura 2010, em Lima, ele posa para fotos com poncho e gorro multicoloridos, uma "puca llumchuy huacachi" na mão. É a variedade de batata "que faz a nora chorar" (por causa dos muitos "olhos" que dificultam a tarefa de descascá-la), uma das 215 -entre as mais de 3.000 existentes no Peru- que cultiva em quatro hectares a 4.000 m de altitude na região de Cusco, ao pé do que já foram os "nevados" Sahuasiray e Pitosiray.

Décadas atrás, Hanco caminhava 5 ou 10 minutos para chegar à beira das neves eternas. Agora precisa andar um dia inteiro. Mas é da luz difusa que emanava do gelo, à noite, que sente mais falta. Desde que os nevados se foram, chove forte ou cai geada fora de época, e cai granizo, danificando o cultivo na região.

O tema da mudança climática também chegou às melhores mesas de Miraflores, o bairro chique de Lima. A preocupação, entre uma garfada e outra, é que o progressivo desaparecimento das geleiras tropicais nos Andes acabe por dizimar a biodiversidade de ingredientes mantida pelos pequenos agricultores.

Em todas as comunidades camponesas no percurso do grupo de jornalistas que a ONG internacional Oxfam levou para testemunhar o impacto do aquecimento global, não

passam cinco minutos sem que alguém se ponha a falar sobre o "cambio climatico" que está secando seus poços. Mesmo que a origem da estiagem possa estar também na disputa pelo uso da água entre agricultores, os comunitários sabem muito bem por que a imprensa está ali e não se fazem de rogados.

Eles se queixam, contudo, por algo de real e mensurável: o Peru, com 70% das geleiras tropicais da Terra, perdeu mais de um quinto (446 km²) de seus 2.042 km² de "nevados" desde a década de 1960.

FRAUDES Se no Peru pouca gente parece duvidar da realidade do aquecimento global causado pelo homem, noutras paragens grassa o ceticismo - como no departamento de geografia da USP. Ali se organizou, quarta-feira passada, um simpósio dedicado a semear dúvidas sobre o consenso em torno da noção de que o aquecimento global é causado pela emissão de gases do efeito estufa, dióxido de carbono (CO₂) à frente, com produção de energia, transportes e desmatamento.

Não faltam pessoas dispostas a acreditar que uma conspiração de burocratas da ONU, pesquisadores de esquerda e jornalistas idem esteja por trás dos relatórios do Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima (IPCC, na abreviação em inglês). O de 2007, conhecido como AR4, afirma que o aquecimento global é inequívoco e que causas naturais - como a atividade solar - são insuficientes para explicar o aumento de temperatura observado.

Não faltam tampouco livros e porta-vozes para dizer que essa conclusão é uma fraude. Um exemplo a esmo é "Aquecimento Global - Alarme Falso", de Ralph B. Alexander [Gryphus, 2010, 244 págs., R\$ 32,90]. Relevem-se os erros de revisão até na capa do volume - pode ser coincidência. Mas quem é Alexander para desqualificar os 3.500 pesquisadores do IPCC mobilizados para o AR4? Ele tem um doutorado em física pela Universidade de Oxford, informa a orelha do livro; "atualmente, é analista de mercado sênior de materiais ecológicos e processos industriais".

Não basta um doutorado em física para credenciar-se a demolir o IPCC. Alexander apenas domina os códigos básicos das ciências naturais para arvorar-se em vulgarizador das objeções disparadas contra a noção de aquecimento global antropogênico (causado pelo homem), em nome da liberdade empresarial, por figurões como Frederick Seitz, William Nierenberg, Robert Jastrow, Patrick Michaels e Siegfried Fred Singer, desde que se começou a falar em mudança do clima, na década de 1970, e o IPCC surgiu, em 1988.

DÚVIDAS Para conhecer o que move essa turma, é imprescindível ler "**Merchants of Doubt**" [Mercadores da Dúvida, Bloomsbury Press, 2010, 368 págs., U\$ 27, R\$ 46], de Naomi Oreskes e Erik M. Conway.

É espantoso constatar que Fred Seitz e Fred Singer, dois dos mais vociferantes críticos do aquecimento global, estão há muito tempo no negócio de lançar dúvidas sobre qualquer ramo de investigação científica que possa prejudicar a indústria. Eles abominam todo tipo de regulamentação para mitigar efeitos não pretendidos do capitalismo sobre o ambiente e a saúde humana.

Os dois Fred são físicos, mas não especialistas em clima, como tampouco o são Alexander e José Carlos Azevedo, o mais ativo cético brasileiro, morto em fevereiro deste ano (Singer, especialista em foguetes e satélites, é o que chega mais perto disso). Formados no auge da Guerra Fria, ocuparam posições de algum destaque na administração republicana de Ronald Reagan (1981-89). Defenderam a Iniciativa de Defesa Estratégica, uma fantasiosa "Guerra nas Estrelas" projetada para anular com armas orbitais o poderio nuclear soviético, se utilizado. Participaram da fundação de "think tanks" conservadores de Washington, como o Instituto George C. Marshall.

De 1979 a 1985, Seitz dirigiu um programa para a empresa de cigarros R.J. Reynolds, dotado com US\$ 45 milhões para financiar pesquisadores dispostos a encontrar evidências que exonerassem o produto de danos à saúde humana, ou que pelo menos pusessem em dúvida estudos indicando o contrário. Em meados da década de 1990, já no debate sobre fumo passivo, Singer ajudou a preparar um relatório descascando a agência ambiental americana (EPA) por suas conclusões sobre o risco.

Coordenando os esforços estava a firma de relações públicas Hill and Knowlton. Seu fundador e presidente, John Hill, havia traçado a estratégia diversionista, já em 1953, que fazia escola: "As dúvidas científicas precisam continuar".

Não foi outra a estratégia -desacreditar pesquisas- empregada num longo rol de controvérsias: fumo passivo, chuva ácida, buraco de ozônio, DDT, inverno nuclear, aquecimento global... Um grande aliado nessa empreitada, narram Oreskes e Conway, foi a imprensa, em especial órgãos de orientação conservadora ou pró-empresarial, como o diário "Wall Street Journal".

CONTRADITÓRIO Seitz, Singer e seus seguidores cevavam repórteres ávidos por visões contraditórias. Em casos extremos, ameaçavam editores com a Fairness Doctrine (doutrina do equilíbrio), que fixava em lei a obrigação de emissoras darem espaço equivalente para visões opostas. Até contra o Prêmio Nobel Singer se levantou, e bem antes de 2007, quando Al Gore e o IPCC receberam a láurea da Paz: já em 1995, quando o inimigo Frank Sherwood Rowland foi agraciado em Química -com Mario Molina e Paul Crutzen- por seu trabalho sobre a destruição da camada de ozônio.

O grupo "cético" costuma se apresentar como vítima de um suposto consenso fraudulento a favor do aquecimento global, da limitação da liberdade empresarial e de

um governo mundial sob controle da ONU. Não há meios nem recursos ilícitos, para eles, quando o objetivo é defender a indústria diante do Estado. Se for preciso destruir a credibilidade da ciência e de cientistas, que seja.

Patrick Michaels vive de atacar o IPCC, mas omite que chegou a ser convidado para participar do painel e declinou, conta o livro. Fred Singer enrolou um quase moribundo Roger Revelle, mentor de Al Gore, na autoria de um artigo contra o aquecimento global.

James Hansen comeu o pão que o diabo amassou, na Nasa, durante o governo George W. Bush (2001-09). Phil Jones, pivô do caso Climagate (vazamento de mensagens comprometedoras de e-mail), chegou a contemplar o suicídio. Não há trincheira nem trégua, na guerra dos "céticos".

VERDADES A história mostra claramente, escrevem Oreskes e Conway, que a ciência não pode fornecer certezas nem provas, quando muito o consenso de especialistas baseado na acumulação e no escrutínio organizado das evidências. Apesar dessa visão mais matizada, oposta no livro à certeza que os "céticos", paradoxalmente, vivem a exigir da ciência do clima, a dupla, composta por uma historiadora e um jornalista, parte do suposto de que exista uma verdade científica (ainda que apenas consensual) e que ela foi obscurecida -como afirma o subtítulo da obra- por um punhado de cientistas motivados ideologicamente e bem organizados.

A descrição da campanha contra o aquecimento global é boa e bem documentada, mas deixa algo a desejar como análise do fenômeno "cético" e de sua relativa popularidade, sobretudo num país como os EUA. Um pouco mais longe consegue avançar **"Environmental Skepticism" [Ceticismo Ambiental, Ashgate, 2009, 234 págs., £ 55, R\$ 143], de Peter J. Jacques.**

Jacques entende que, ao privilegiar o terreno do que chama de "cientismo" para combater os "céticos", os defensores do aquecimento global lhes oferecem uma vitória antecipada. Para os negacionistas, tudo se resume a prolongar o discurso de ponto e contraponto, ponto e contraponto, adiando indefinidamente qualquer conclusão que possa servir como base para a ação conjunta. "Empregar o cientismo como um martelo contra o parafuso do ceticismo reduzirá a madeira da vida pública a cavacos."

No cerne do contramovimento se encontra, para Jacques, um antropocentrismo arraigado, que encara a natureza como mero insumo para a engenhosidade humana. Partindo de Riley Dunlap, seu mestre, Jacques localiza esse valor de cunho iluminista na base de um "paradigma social dominante", com seus sete pilares: limitação do governo, apoio à livre empresa, devoção ao direito de propriedade, ênfase no individualismo, terror diante do planejamento, fé na ciência e na tecnologia e confiança na abundância futura.

MITOS O problema é que não há nada de errado com esse paradigma -enquanto visão de mundo. Pode-se discordar dela, mas não provar que esteja errada. Na melhor hipótese, existem indicações convincentes de que o sistema ecológico planetário não suportará por tempo indefinido a expansão continuada do consumo de recursos naturais nela pressuposta.

Estamos, aqui, no campo dos valores, não dos fatos. Tal admissão só se encontra, sem meias palavras, noutro livro surpreendente, **"Why We Disagree about Climate Change [Por que Discordamos sobre Mudança do Clima, Cambridge University Press, 2009, 432 págs., £ 16,99, R\$ 44]**, de Mike Hulme.

Hulme, ele sim, é um pesquisador atuante na área. Trabalhou na Unidade de Pesquisa do Clima da Universidade de East Anglia - epicentro britânico do Climagate - e dirigiu por sete anos o Centro Tyndall de estudos interdisciplinares sobre aquecimento global, no Reino Unido. Seu relato, um arrazoado sobre as guerras do clima, surpreende porque, sem negar as constatações científicas que ajudou a inscrever nos relatórios do IPCC, Hulme não poupa ceticismo (no bom sentido) diante de correligionários, pondo-se a examinar criticamente seus pressupostos, como um bom cientista social.

CATASTROFISMO Um dos alvos favoritos de Hulme é o catastrofismo de seus pares nas mensagens sobre o aquecimento global. Mais que uma questão física, o aquecimento global tornou-se, em sua óptica, uma questão social e política complexa demais, que não comporta uma resposta simples e mágica como aparenta ser a mera redução de emissões de gases do efeito estufa. É o tipo do problema "enroscado" ("wicked"), para o qual só se obtêm soluções "canhestras" ("clumsy").

O retrospecto desanimador da negociação internacional sobre emissões, do Rio e Kyoto a Copenhague e Cancún, só lhe dá razão. O Protocolo de Kyoto (1997) mandava reduzir em 5% os gases estufa de nações desenvolvidas até 2012. Desde então, as emissões globais subiram 16%.

Enquadrar a mudança do clima como uma ameaça cataclísmica para a qual só a ciência teria remédio é condenar o debate ao impasse, por tentar silenciar vozes opostas (por mesquinhas e sibilantes que sejam). Hulme propõe examinar as narrativas e mitologias embutidas na questão do aquecimento global, de maneira a aliviá-la das camadas de expectativas que sobre ela se foram acumulando, até torná-la intratável.

Ele defende que a análise comece por separar os quatro mitos, no sentido não pejorativo de narrativas organizadoras, que vê enfeixados no problema do clima, com raízes em "instintos" humanos básicos -respectivamente, nostalgia, medo, orgulho e justiça:

Perda do Éden- O clima visto como símbolo da natureza intocada, algo a ser protegido ou "salvo";

Iminência do apocalipse - Tendência a encarar o aquecimento global como o principal problema do mundo;

Construção de Babel - Fé nos poderes da ciência e da tecnologia para criar soluções de geoengenharia e manipular o clima;

Celebração do jubileu - Identificar um acordo internacional sobre emissões com a redenção de todos os pecados e dívidas, como recomenda a Torá que se faça de 50 em 50 anos.

FRESCOR A moldura metafórica de Hulme para interpretar o falatório sobre mudança do clima causa certo estranhamento, mas traz algum frescor ao debate. É raro encontrar um discurso sobre aquecimento global, "cético" ou não, que escape de um desses estilos narrativos. Reconhecê-los, assim como suas limitações, pode abrir um espaço de tolerância e sensatez hoje desaparecido.

A mudança do clima demanda que focalizemos as implicações de longo prazo derivadas de nossas escolhas de curto prazo, que reconheçamos o alcance global de nossas ações e que fiquemos alertas tanto para as realidades materiais quanto para os valores culturais, recomenda Hulme. As construções mais criativas a partir da noção de aquecimento global, defende, podem até mesmo ser prejudicadas pela busca obtusa de um acordo do tipo panaceia: "Elas vicejam em condições de pluralismo e esperança, mais do que em condições de universalismo e medo".

Mito por mito, os ianomâmis também adaptaram os seus para conceitualizar a mudança do clima. Preocupados com as mudanças sutis que observam na "casa-floresta" (Urihi) que habitam na fronteira entre Brasil e Venezuela, dedicaram ao tema um dia inteiro da assembleia geral da Hutukara Associação Yanomami realizada três semanas antes de Cancún.

QUEDA DO CÉU "A Terra está esquentando, e eventos como furacões estão mais frequentes porque os 'napë pë' [brancos] estão mexendo com seres perigosos, como aqueles que vivem debaixo da terra, quando são extraídos minérios e petróleo", afirmou, na ocasião, durante a assembleia, Luixi Yanomami, pajé da aldeia Piaú. "E perigosa também é a poluição do céu, que é frágil e passível de desabar sobre nossas cabeças."

Só os pajés (ou xamãs), dançando com os "xapiri" (espíritos), conseguem conversar e apaziguar os seres capazes de evitar uma segunda queda do céu, como a que deu origem à Terra atual (Hutukara), aos ianomâmis e aos "napë".

É mais uma narrativa. Pode não ser verdadeira, mas é bem apanhada: sem pacificar os fantasmas na arena do clima, vamos acabar todos dançando conforme a sua música. Cancún é só o último baile. Nada se resolverá, mas sairão todos com a consciência tranquila de que uma vez mais foram impedidos de salvar o mundo.

Nota

O repórter especial da **Folha** Marcelo Leite viajou ao Peru a convite da Oxfam International.

Empresa de relações públicas traçou em 1953, para combater associação entre tabaco e câncer, a estratégia da indústria contra problemas ambientais: as dúvidas científicas precisam continuar

Não falta gente disposta a acreditar que uma conspiração de burocratas, pesquisadores e jornalistas esteja por trás dos relatórios do IPCC sobre o inequívoco aquecimento global

Um dos alvos preferidos de Mike Hulme, pesquisador do clima, é o catastrofismo de seus pares na apresentação de mensagens sobre o aquecimento global causado por atividades humanas